

«Recomendado para fãs de Camilla Läckberg.»
Library Journal

O ANJO ROUBADO

DA AUTORA DO ÊXITO MUNDIAL DE VENDAS
**AS
RAPARIGAS
ESQUECIDAS**

SARA BLÆDEL

TOP
SEL
LER

A RAINHA DINAMARQUESA DO THRILLER
4,5 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM TODO O MUNDO

Para a Kristen

O cheiro a acetona era de tal forma agressivo que lhe irritava as narinas, infiltrando-se pelas frestas da porta e inundando a cave escura. O espaço era iluminado apenas pelos candeeiros de teto. Ele havia tapado as janelas com tijolos para que as molduras vazias se fundissem com a parede.

Parou alguns segundos na entrada, colocou a máscara sobre a boca e o nariz e enfiou os dedos compridos e finos num par de luvas justas de látex.

Meticuloso como sempre.

Ouvindo o som da sua própria respiração, sentiu a humidade que se colava às paredes da cave. Estranhou que o sistema de ventilação, com filtros de carvão, não fosse mais eficaz, mas afastou esse pensamento com a mesma rapidez com que lhe surgira. O sistema estivera sempre ligado, dia e noite, mas não eliminara por completo o cheiro bafiento da cave. Na verdade, ele já tinha começado a habituar-se. Retirou as três chaves do bolso da bata.

Agradava-lhe o facto de não haver acesso direto a partir do rés do chão da casa; tinha de se sair e passar pelo jardim para encontrar os degraus que permitiam descer até à cave. Uma das primeiras coisas que fizera quando viera para ali morar fora mudar as fechaduras da cave: a chave amarela abria a zona de arrumos, onde estava a arca frigorífica; a azul abria a divisão

onde se encontrava a banheira rasa de dois metros de comprimento com o aparelho de sucção a vácuo; e a última chave, a vermelha, dava acesso à sala dos fundos, onde tinha a exposição, como lhe chamava, que consistia em três caixas retangulares de vidro alinhadas em fila.

Dera-lhe especial prazer montar o sistema de iluminação de modo a direcioná-lo para as três mulheres que jaziam nos seus caixões transparentes e abertos. Os candeeiros haviam sido posicionados com uma minúcia digna de um fotógrafo, a luz a incidir com tal suavidade que todas as sombras eram atenuadas, proporcionando ao observador uma visão cristalina de todos os pormenores. Começara já a preparar a iluminação para a caixa de exposição seguinte, que em breve estaria pronta a receber a nova mulher, e reorganizara o espaço para a acomodar.

Contemplou as três mulheres nuas. Eram lindas, cada uma com as suas formas distintas. Exatamente como planeara.

A primeira era magra. A seguinte, de constituição normal. Por fim, o orgulho da sua coleção, a mulher com curvas femininas perfeitas, seios enormes que descaíam com o peso e coxas volumosas. Ao passar a mão sobre a anca da mulher, sentiu o formigueiro provocado pelo súbito afluxo de sangue causado pela ereção.

Tinha sempre imenso cuidado ao restaurar as formas originais. Antes de começar a trabalhar num cadáver, fotografava-o ao pormenor. De frente, de trás e dos lados, assinalando a elevação do peito, a linha da cintura.

Havia-se inspirado na exposição *Körperwelten*, de Gunther von Hagens, e na exposição itinerante *Body Worlds*, que percorreu o mundo. Fascinava-o a ideia de se poder preservar a beleza de uma mulher por toda a eternidade.

A rapariga loura estava longe de ser agradável à vista. Ali jazia ela, na banheira de aço vazia, sob o clarão da luz fluorescente, o corpo nu caído sobre si mesmo. Nos últimos meses, a acetona atuara como esperado, fazendo expelir toda a água do corpo, até à última gota.

Ainda assim, um arrepio fê-lo estremecer. Aquela era a última fase. A divisão era fria e estéril, com as paredes revestidas a azulejo branco, e, ao fundo, havia uma mesa de inox, onde se encontravam os químicos e o silicone. Ao lado das tinas de plástico, estavam os tubos e a caixa de madeira.

Aproximou-se, mas não conseguiu evitar desviar o olhar. Aquela era a fase menos edificante do processo. As órbitas dos olhos da rapariga pareciam vazias, o rosto colapsado. Sob a película de pele, restava apenas músculo e osso. Porém, apesar de a cobertura exterior cair solta em torno do crânio, ele conseguia vislumbrar a beleza que se preparava para restaurar. Uma touca elástica protegia o cabelo comprido da rapariga, impedindo o contacto com o líquido. Iria ficar linda com os caracóis sobre os ombros perfeitos, pensou. Tal como um artista, sentia amor pela sua obra em todas as fases do processo, até à sua conclusão.

A primeira vez fora a mais surpreendente. Não estava, de todo, mentalmente preparado para que a transformação resultasse num espécime tão magnífico, tão maravilhoso. Sabia, claro, que o corpo consiste em 70 por cento de água e que essa quantidade, bem como mais 10 a 15 por cento, desapareceria no banho de acetona. Ainda assim, o resultado deixara-o atónito, demorando alguns dias até se sentir novamente preparado para regressar à cave e terminar o trabalho.

Por outro lado, nem nos seus sonhos mais remotos teria imaginado a euforia que o assolara quando o silicone endurecera e ele devolvera, por fim, as bonitas curvas à mulher, talvez até exagerando-as um pouco, de acordo com o seu gosto pessoal.

Atordoado, parou por um momento. Sentia-se o criador do universo.

Acercou-se da mesa de inox e pegou nos tubos. Colocou as pesadas tinas de silicone no carrinho e empurrou-o para junto da banheira. De cada tina, saíam dois tubos. Olhou para o relógio. Encher a banheira iria demorar meia hora. Quando estivesse cheia, colocar-lhe-ia a tampa e ligaria o aparelho de sucção. Depois, restar-lhe-ia apenas esperar que o silicone fosse

impregnando as células da rapariga ali deitada, até lhe preencher o corpo.

Usou uma pequena faca para cortar as tampas protetoras dos tubos, permitindo que o silicone fluísse. Ao início, foi saindo devagar e de forma descontínua, apesar de ele ter tido o cuidado de o aquecer para acelerar o processo; depois, começou a escorrer: era mais espesso do que a água, caindo na banheira, alastrando-se por toda a superfície.

A operação exigia paciência e um enorme rigor. As suas mulheres eram pequenas obras-primas. Talvez até grandes obras-primas. Fechou a porta, pronto para se dedicar inteiramente à louca. Devia-lhe isso.

— Não, infelizmente não, Sra. Milling. Tanto quanto sei, ainda não há novidades sobre a sua filha — disse Louise Rick, com pesar, ao telefone. Estava a transpirar, no seu equipamento de treino, acabada de regressar à esquadra da polícia, após seis horas com o resto da Unidade de Negociação.

O exercício havia sido planeado há algum tempo, tendo como tema o suicídio. Às 7 horas, Louise encontrou-se com os outros elementos da unidade na ponte da Zelândia. Embora já tivesse uma experiência razoável na área, jamais acharia propriamente agradável ficar pendurada numa ponte a tentar convencer um falso suicida a não abandonar este mundo. Apesar de tudo, fora um dia bom, e Thiesen, que liderava a unidade, não se cansou de a elogiar e de lhe dizer que ela estava cada vez melhor. O passo seguinte seria a monumental ponte do Grande Belt, suspensa entre as ilhas da Zelândia e da Fiónia.

— Compreendo perfeitamente a sua preocupação. Não sabe nada dela há meses — prosseguiu Louise, afundando-se na cadeira e abrindo o fecho do casaco.

Estava um calor abrasador no escritório, o ar abafado e húmido. Tinham ligado o radiador no máximo para combater o frio do inverno, e o chão imundo estava cheio de lama da rua. Ela acabara de chegar e preparava-se para sair quando a Sra. Milling ligou.

Raramente passava uma semana — decerto nunca duas — sem um telefonema de Grete Milling, uma mulher reformada cuja filha desaparecera há mais de seis meses durante umas férias na Costa del Sol. Desde essa altura, não havia rasto de Jeanette Milling em parte alguma. A polícia espanhola estava encarregue do caso no terreno, enquanto o Departamento de Investigação da Polícia Nacional Dinamarquesa liderava a investigação. A senhora, porém, ligava constantemente para a esquadra, para saber se havia desenvolvimentos.

Louise olhou para o relógio de parede. Tinha de ir buscar Jonas à escola, para o levar a uma consulta no dentista.

— Tenho a certeza de que a polícia espanhola continua a procurar a Jeanette — disse, para reconfortar a mãe ansiosa, apesar de, obviamente, não ter qualquer certeza disso. As autoridades espanholas estavam habituadas a casos de mulheres apaixonadas que se entusiasmavam com os seus romances de verão e desapareciam algum tempo sem dar cavaco a ninguém, pelo que não era de admirar que não os levassem a sério, sobretudo quando a mulher em questão tinha mais de 30 anos, não tinha filhos e ainda era solteira.

A única coisa que poderia indiciar um crime, no caso de Jeanette Milling, era o facto de não existirem quaisquer movimentos na sua conta bancária desde o dia do desaparecimento.

A Sra. Milling pareceu pressentir, através do telefone, que Louise não lhe estava a dar toda a sua atenção. Pigarreou e repetiu o que acabara de dizer:

— Voltei a tentar contactar aquele jornalista que escreveu sobre a Jeanette quando ela desapareceu. — Explicou-lhe que pretendia saber se ele não teria descoberto algo que pudesse ter escapado à polícia. — Mas ele já não trabalhava lá, e o homem com quem falei nunca ouviu falar da Jeanette. É como se todos a tivessem esquecido.

Jeanette Milling viajara, através da agência Spies Travel, do aeroporto de Billund para Málaga, onde, à chegada, um guia recebera o grupo de veraneantes. O guia lembrava-se da mulher alta,

de cabelo louro e comprido, mas o único contacto que tivera com ela resumira-se a indicar-lhe o autocarro que transportaria o grupo a Fuengirola, onde Jeanette ficaria hospedada. Não voltara a vê-la.

O jornal *Morgenavisen* descrevera a chegada de Jeanette ao hotel, onde lhe fora atribuído um quarto com vista parcial para o mar. Não havia qualquer dúvida de que estivera ali hospedada quatro dias, já que o seu nome fora riscado da lista de hóspedes nas manhãs em que apareceu na sala do pequeno-almoço. Porém, depois, não voltou a aparecer.

Fizera compras num pequeno supermercado ao lado do hotel; a polícia descobrira-o ao analisar o seu extrato bancário. Alguns hóspedes haviam-na visto na piscina e no restaurante. Descreveram-na como sendo sorridente e extrovertida, lembrando-se de a verem a conversar com quase toda a gente.

Contudo, de repente, sumira. Sem deixar rasto. O caso de Jeanette Milling recebeu uma enorme cobertura mediática nos dias que se seguiram ao seu desaparecimento. Após ter sido dada como desaparecida, o *Morgenavisen* enviou um repórter e um fotógrafo à Costa del Sol, para tentar reconstituir os seus passos até ao momento em que aparentemente se evaporara da face da Terra.

O interesse na sua história há muito que tivera o mesmo destino. Já ninguém queria saber da filha desaparecida de Grete Milling.

— Devemos também considerar a possibilidade de a sua filha não querer ser encontrada — arriscou Louise, com cautela, baixando o olhar perante o silêncio no outro lado.

— Não — ouviu-se ao fim de algum tempo, com brandura, mas firmeza. — Ela nunca me deixaria nessa incerteza.

Jeanette Milling vivia nos arredores de Esbjerg, num apartamento alugado, cuja renda a mãe continuava a pagar para que a filha não o perdesse e, assim que reaparecesse, pudesse regressar à sua casa. Durante os seis últimos anos, trabalhara como secretária e rececionista de dois fisioterapeutas, mas, fora

isso, Louise sabia muito pouco sobre a mulher que comprara um pacote de viagens e partira para umas férias de duas semanas num destino soalheiro.

Também não se tratava de um caso prioritário — já deixara de o ser. Muito menos nesse dia, pensou, olhando de novo para o relógio sobre a porta. Porém, não lhe era possível ignorar os telefonemas da Sra. Milling, que depositava neles uma imensa esperança.

— Ligue sempre que quiser — disse Louise antes de se despedir e terminar a chamada.

Permaneceu ali sentada por um momento, perturbada com a aflição daquela mãe perante o desaparecimento da filha. Era comovente a forma como a Sra. Milling se agarrava à convicção de que Jeanette seria encontrada, apesar de ter desaparecido há muitos meses. Custava-lhe pensar no dia em que alguém teria de pôr fim à sua esperança e informá-la de que não seria necessário renovar o contrato de arrendamento da casa da filha.

— Queres café? — perguntou Lars Jørgensen. O seu parceiro de trabalho levantara-se e dirigia-se para a porta.

Louise negou com a cabeça.

— Tenho de levar o Jonas ao dentista. É melhor ir andando — disse ela, enquanto lia a mensagem de texto que acabara de receber. «Saí mais cedo», escrevera o filho. «Vem buscar-me a casa.» — Vemo-nos amanhã de manhã — acrescentou com um sorriso, ouvindo Lars Jørgensen a murmurar, fora de tom, a letra de uma canção vagamente familiar sobre uma mulher estar sempre ocupada.

— Não estava lá! — Carl Emil Sachs-Smith quase berrou, passando apressadamente pela rececionista e entrando de rompante no gabinete do seu advogado, Miklos Wedersøe, em Roskilde, na quinta-feira de manhã, sem se importar com a possibilidade de estar a interromper alguma coisa. — Havia apenas um espaço vazio na parede!

Carl Emil sentia o suor a escorrer-lhe pelas costas, sob a camisola de gola alta. Atirou o casaco para o chão e deixou-se cair na cadeira em frente ao advogado. A famosa imagem em vidro estivera pendurada naquela parede desde que se lembrava. Permaneceu algum tempo sentado, de olhos fechados, sentindo que o sangue parecia ter dificuldade em chegar-lhe à cabeça, apesar de correr pelo resto do corpo a uma tal velocidade que lhe causava tonturas.

— Não percebo — prosseguiu, num sussurro, como se fosse incapaz de assimilar aquela ideia. — Esteve sempre ali, na parede atrás da secretária do meu pai.

Há seis meses, confiara ao seu advogado o segredo de família sobre o Anjo da Morte, como lhe chamavam. Uma noite, no final do verão, após uma reunião do conselho de administração da Termo-Lux, ele e Wedersøe foram jantar ao restaurante Prindsen, em Roskilde. A irmã fora para casa, para estar com

a filha, e, enquanto os dois homens saboreavam um conhaque depois da refeição, Carl Emil contou como é que aquela imagem lendária fora parar às mãos do seu avô paterno.

O avô, um jovem vidraceiro em Roskilde, fora contratado para fazer uns trabalhos de restauro na catedral. A obra exigiu a encomenda de vitrais antigos da Polónia, e foi lá, entre as enormes molduras em ferro com vitrais centenários cobertos de pó, que encontrou o Anjo da Morte.

Ao início, não teve noção de que descobrira um tesouro milenário, mas sentiu imediatamente que se tratava de uma peça de vidro muito especial. Depois de a pesquisar em vários livros de história religiosa, percebeu que fizera parte da decoração da Hagia Sophia, a mais importante basílica do Império Bizantino, até Constantinopla sucumbir às forças otomanas, em 1453, e o sultão transformar a igreja ortodoxa numa mesquita.

Carl Emil contara também que o mito em torno da imagem singular a tornava especialmente apetecível para colecionadores de todo o mundo. Enquanto estivera na Hagia Sophia — cujo nome, traduzido do grego, significava, aparentemente, «Sagrada Sabedoria» —, o Anjo da Morte fizera parte de uma janela em vitral na nave lateral, situada acima dos poemas esculpidos nas curvaturas das meias abóbodas que, até hoje, se erguem sobre as caudas de pavão em mármore. Dizia-se que os tons azul-claros da imagem produziam um anel de luz no chão da igreja entre os dois pilares largos com embutidos de vidro que ladeavam a janela.

Segundo a lenda, um camponês pobre foi, um dia, à igreja pedir perdão por ter matado acidentalmente um ladrão que tentara, a coberto da noite, roubar-lhe as suas duas vacas. O camponês apanhara-o em flagrante e, quando o ladrão se pusera a mexer, agarrara numa pedra e atirara-lha. Por azar, a pedra acertara na cabeça do ladrão, matando-o de imediato.

Assim, o camponês foi à igreja rezar por perdão, detendo-se no círculo de luz, de olhos postos na imagem. Segundo contou depois, a luz começou a brilhar com mais intensidade, tornando-se

ainda mais clara, e o Anjo da Morte falou-lhe, dizendo: «Os teus pecados serão perdoados.» Aliviado e bastante atordoado com aquela experiência, o camponês seguiu para casa. Rezava a lenda que nunca foi acusado da morte do ladrão. A história depressa se espalhou, atraindo milhares de peregrinos à Hagia Sophia, que aí se deslocavam para receber perdão pelos seus pecados.

Wedersøe juntou os documentos espalhados pela secretária, guardando-os numa pasta, que empurrou para o lado, para dar toda a sua atenção a Carl Emil.

— Quem mais sabia da existência do Anjo da Morte? — perguntou, em tom grave, limpando a cabeça calva e reluzente com um lenço.

— Ninguém, além da família — respondeu Carl Emil, apreensivo. — Ao longo dos anos, não faltaram historiadores de arte e antiquários a tentar encontrá-lo. O meu pai foi contactado várias vezes por um historiador de arte alemão que acreditava estar na pista certa. Afirmava ter conseguido identificar o percurso do Anjo da Morte a partir de Constantinopla, após 1453, e que este teria passado pela Bulgária, Roménia, Hungria e Eslováquia, chegando por fim à Polónia. Tinha, inclusivamente, informações pormenorizadas acerca do local e da data da chegada. Porém, o meu pai conseguiu convencê-lo sempre de que se encontrava num beco sem saída. Vários académicos, entre outros especialistas, escreveram artigos e apresentaram estudos onde expunham as suas teorias a respeito do desaparecimento da imagem da Hagia Sophia e do que lhe poderia ter sucedido, mas ninguém conseguiu localizá-la. Porém, agora talvez alguém o tenha conseguido. Demos-lhes a oportunidade perfeita ao deixar a casa vazia durante tanto tempo. — Passou as mãos pelo cabelo louro, num gesto de desespero, e enterrou o rosto nas palmas das mãos, abanando a cabeça em silêncio.

Após aquele jantar no Prindsen, Wedersøe oferecera-se para investigar quanto é que o precioso Anjo da Morte poderia valer no mercado atual. Concordaram que começaria por apalpar

terreno, para terem uma ideia do valor que poderiam pedir se surgisse o comprador certo.

O contacto de Wedersøe em Nova Iorque agira com o máximo sigilo, indagando apenas junto de alguns círculos restritos de homens riquíssimos e, em alguns casos, colecionadores excêntricos. Eram indivíduos com dinheiro suficiente para adquirir, de forma ilegal, artefactos e tesouros desaparecidos, cujo valor era considerado inestimável pelas leiloeiras. Por fim, pouco depois das 3 horas, na noite anterior à súbita entrada de Carl Emil no seu escritório, Wedersøe recebera um telefonema desse contacto norte-americano, informando-o de que tinha uma oferta bastante considerável para a aquisição do Anjo da Morte: uns estonteantes 175 milhões de dólares, ou seja, mais de mil milhões de coroas dinamarquesas.

Essa informação fizera Carl Emil meter-se no seu *Range Rover* preto e, com o número astronómico ainda a ecoar-lhe nos ouvidos, dirigir-se à magnífica propriedade dos pais — uma herdade senhorial nos arredores de Roskilde — para ir buscar a imagem.

A casa estava desocupada há quase meio ano — desde que o seu pai desaparecera após o suicídio da sua mãe. A maioria das pessoas calculou que, após um casamento de uma vida, Walther Sachs-Smith teria decidido seguir a mulher ao encontro da morte, embora o corpo não tivesse ainda sido encontrado, pelo que a mansão no fiorde quase fazia lembrar um museu sem visitantes.

— E agora, o que fazemos? — vociferou Carl Emil, ficando de seguida em silêncio, fitando, combalido, o seu advogado, a sua cabeça calva, o seu fato caro e o bálsamo labial sobre a secretária à sua frente.

Durante o jantar no Prindsen, Wedersøe retribuía a confiança de Carl Emil falando-lhe da sua infância como filho único. A sua mãe era russa, e o pai, um dinamarquês de passagem pelo país quando o comunismo se encontrava no seu apogeu. Não tinha qualquer memória do pai, que os abandonara

antes de ele completar 2 anos, não deixando nada para trás, à exceção de uma fotografia e do apelido, que soava sempre deslocado durante a chamada na escola. A mãe morreu tinha ele apenas 14 anos, e, após a sua morte, decidiu prosseguir os estudos num colégio interno na Dinamarca.

Carl Emil sabia que a decisão de Wedersøe fora, em grande medida, fomentada pela memória do pai, embora não tenha sido tomada com o intuito de o encontrar, mas sobretudo para demonstrar que era capaz de tomar conta de si próprio sem a ajuda dele. Carl Emil admirava-o por isso e sentia-se impelido a dizer que Wedersøe conseguira singrar na vida, com o seu escritório de advocacia de renome e lugar nos conselhos de administração de várias empresas de topo.

Nesse momento, porém, não compreendia como é que o advogado conseguia estar tão calmo. Em vez de lhe pagar honorários, haviam acordado que receberia uma comissão de 20 por cento sobre o valor da venda, já que fora ele quem assumira o considerável risco inerente ao envolvimento do seu contacto norte-americano.

Wedersøe pegou numa capa de plástico e, com um toque, fê-la deslizar pela secretária, para que Carl Emil a pudesse analisar. No topo, estava uma ilustração do Anjo da Morte.

Carl Emil reconheceu imediatamente o anjo com o lírio na mão e as asas enormes. Embora fosse basicamente um esboço, as cores eram vívidas e claras: prateado, azul-claro e um azul mais profundo e escuro. Era uma extraordinária representação da imagem que o pai tinha em exibição na parede do escritório.

— Diz aqui que o Arcanjo Gabriel é considerado o Anjo da Morte. Está ligado à magia e atua através do subconsciente humano — explicou Wedersøe. — Isto é daquele historiador de arte alemão que anda há algum tempo a tentar localizar a imagem. — Pousou a mão sobre a capa e explicou que se tinha deparado com aqueles documentos enquanto consultava alguns processos antigos no arquivo do pai de Carl Emil. — Estavam arquivados com a correspondência que ambos trocaram ao longo

dos anos. — Abriu a pasta e retirou-os. — Veja as dimensões anotadas aqui na margem. — Carl Emil olhou fixamente para a folha, sem, contudo, perceber aonde é que o advogado queria chegar. — De que tamanho era a imagem que o seu pai tinha na parede?

— Não tinha, certamente, 60 por 80 centímetros — respondeu Carl Emil. — Era mais pequena, bastante mais pequena.

Wedersøe assentiu com a cabeça.

— Mas são essas as dimensões da verdadeira imagem. O que faz mais sentido, atendendo à dimensão da basílica, se, tal como acreditamos, ocupava um lugar de destaque na nave lateral.

Carl Emil recostou-se na cadeira e colocou as mãos atrás do pescoço, remexendo o cabelo da nuca. Fechou os olhos por um instante e tentou lutar contra o desespero que se apoderara de si.

— Então aquilo que o meu avô encontrou era uma réplica mais pequena?

Wedersøe abanou a cabeça.

— Acredito que o seu pai mandou fazer uma cópia da imagem verdadeira. — Carl Emil arregalou os olhos, inclinando-se para a frente, para ouvir atentamente. — Isto estava junto a um recibo de um reputado artista vidreiro. Infelizmente já morreu, mas o recibo é de 1986, e estou convencido de que corresponde à altura em que o seu pai mandou fazer a cópia.

Carl Emil endireitou-se.

— Então está a dizer-me que a imagem que desapareceu do escritório do meu pai não passa de uma cópia?

— Exatamente — confirmou Wedersøe. — É a minha opinião. No entanto, como a cópia desapareceu, alguém deve estar à procura do original. A questão agora, claro, é saber quem irá encontrá-lo primeiro.

Subitamente, Carl Emil deixou de conseguir raciocinar. O facto de não terem a mínima ideia de quem poderia estar por detrás do roubo fazia-o sentir-se vulnerável.

— Quem tinha acesso à casa dos seus pais? — perguntou Wedersøe.

— Ninguém — respondeu Carl Emil, abanando a cabeça. Tanto quanto sabia, ninguém. — O alarme está ligado e só eu e a minha irmã conseguimos entrar. Mudámos o código, porque não sabíamos se os meus pais teriam partilhado o antigo com alguém. Tinham uma empregada interna e uma senhora da limpeza que vinha algumas vezes por semana.

— Isso significa que o seu pai não conseguiria entrar na sua própria casa se por acaso voltasse a aparecer? — perguntou Wedersøe.

Carl Emil suspirou e voltou a afundar-se na cadeira.

— Ele não vai aparecer. Já passou demasiado tempo. Já nem encaro tal possibilidade — respondeu, sentindo uma profunda tristeza. — Poderíamos ter retirado todos os objetos de valor da casa, o que seria quase todo o recheio, mas, de qualquer forma, não tínhamos autorização para o fazer antes das partilhas. A outra possibilidade era proteger a casa com um novo código de alarme e uma câmara de vigilância acionada sempre que o alarme for desativado.

Wedersøe anuiu.

— Falou com a sua irmã?

— Vem a caminho — respondeu Carl Emil, com um aceno de cabeça. Já sentia um aperto no peito.

— Não posso ir a lado nenhum neste estado — resmungou Jonas quando chegaram a casa, vindos do dentista.

Louise passou-lhe a mão na bochecha.

Um sorriso metálico. Não a surpreendia que um rapaz de 12 anos não achasse propriamente fixe andar de aparelho. Uma semana e meia antes, colocara um aparelho fixo nos dentes de baixo e agora via-se a braços também com aquele. Uma boca cheia de metal.

— Vais habituar-te, prometo — disse-lhe ela, tentando reconfortá-lo. Teve o bom senso de se conter para não reproduzir mais lugares-comuns. Em nada ajudaria o rapaz ouvir que, dali a algum tempo, iria gostar de ter usado aparelho. — Por enquanto, só a Camilla e o Markus é que te vão ver. Foram comprar gelado ao Paradis e estão quase a chegar.

— Não quero gelado e não quero que venham cá para se porem a olhar para mim.

Foram interrompidos por um alvoroço de patas caninas aos saltos no chão da sala. Um segundo depois, *Dina* entrou disparada no *hall*, com a cauda a rodopiar de tal forma que parecia a hélice de um helicóptero. A labrador amarela estava tão feliz por terem chegado que nem sabia o que fazer. Embora a cachorriinha fosse surda de ambos os ouvidos, conseguia sempre sentir

a presença de alguém. Agora estava aos pinotes, a saltar para as pernas de Louise, até que Jonas, radiante, se sentou no chão para brincar com ela, exibindo a armadura metálica que lhe preenchia a boca.

O filho adotivo de Louise faria 13 anos em breve, e não passara ainda sequer um ano desde que ela se tornara a sua parente mais próxima, nas mais trágicas circunstâncias. Jonas não tinha mais ninguém. Não tinha família — nem sequer parentes distantes. A mãe morrera com uma doença hemática, tinha ele apenas 4 anos, mas, quando Louise o conheceu, percebera claramente que Jonas havia conseguido adaptar-se à perda e vivia satisfeito e feliz com o pai. Depois, alguns anos mais tarde, tinha ele 11 anos, o mundo do rapaz desabou quando o pai foi assassinado, à sua frente, com um tiro.

Para grande surpresa de Louise, quando as autoridades começaram a procurar uma família de acolhimento adequada, foi o próprio Jonas quem perguntou se podia viver com ela. Haviam-se conhecido durante um caso em que Louise trabalhara, envolvendo a igreja onde o pai dele tinha sido pastor, mas fora um contacto superficial. Ainda assim, criaram laços, e, após a tragédia, quando ele estava ainda hospitalizado e em terapia pós-trauma, foi a Louise que Jonas se ligou. Por outro lado, Jonas era da mesma turma que o filho de Camilla, Markus. Ainda assim, embora o passo mais óbvio fosse considerar as famílias dos colegas de escola como eventuais famílias de acolhimento, Louise fora a sua primeira escolha.

Ao início, Louise encarara-o como uma solução meramente temporária, não tendo tido coragem de rejeitar o rapaz. Fizera sempre questão de manter a sua independência e gostava de ter controlo absoluto do seu tempo. Porém, de súbito, tudo mudou.

Sabia que se sentia mais feliz quando Jonas estava presente. A nova família dele incluía Louise, Melvin — o idoso que vivia por baixo deles — e *Dina*, a cachorrinha labrador amarela que o ex-namorado de Louise, Mik, muito contra a vontade dela, emprestara a Jonas durante o tempo que ele quisesse.

Jonas falava cada vez menos sobre o seu passado. Embora, ao início, conversassem bastante sobre as coisas de que ele se lembrava, as boas recordações que guardava da infância, parecia ter-se ambientado perfeitamente à nova vida. Pelo menos fora o que Louise pensara até há muito pouco tempo. Jonas, o menino adorável e feliz, que parecia tão grato por viver com ela, tornara-se, de repente, taciturno e introvertido. Louise compreendia-o bem. Acontecera muita coisa no último ano. Além de perder o pai, perdera também, nesse outono, uma amiga chegada num acidente trágico. Não era de admirar que acabasse por ter alguma reação emocional, pensara Louise.

Não estava, porém, habituada a que ele se fechasse, à sua irritabilidade, ao seu mau humor. Pensou que talvez fosse tempo de uma nova sessão de acompanhamento com Jakobsen, o psicólogo a que o Departamento de Homicídios recorria quando era necessário.

Dirigiu-se para a cozinha. Doíam-lhe os braços do exercício físico desse dia, embora, dada a falta de regularidade com que praticava exercício, não fosse de admirar.

Fora integrada, em 2006, na Unidade de Negociação, constituída por 13 elementos, e Willumsen, o seu chefe no Departamento de Homicídios, ainda estava furioso por ela ter feito a nova formação no seu horário de trabalho, apesar de ter sido ideia dele que Louise se candidatasse ao curso especial, administrado por dois agentes do FBI.

Embora este trabalho não estivesse diretamente relacionado com as suas funções no Departamento de Homicídios, era algo que estava sempre presente, sobretudo porque nunca sabia quando poderia ser chamada. Fazia, portanto, questão de ter sempre consigo o telefone de negociação. Não tinha qualquer obrigação disso, e poderia facilmente ter passado a oportunidade a outro membro da equipa, mas teve o bom senso de perceber que seria benéfico para si estar disponível quando Thiesen ligasse, sobretudo se quisesse participar em missões de negociação potencialmente gratificantes.

Devia voltar a correr, pensou. Era penoso arrastar-se para a rua em pleno inverno, mas podia começar a levar *Dina*, apesar de, contra todas as expectativas, Jonas se ter revelado fantástico a passeá-la.

Gelado, sopa e iogurte durante os primeiros dias, dissera o dentista, preparando Jonas para o facto de, ao início, poder doer um pouco e as bochechas irem ficar magoadas por roçarem no metal do aparelho. Deram-lhes um tubinho de cera para aplicar no aparelho, para diminuir a sensação de abrasão na pele sensível do interior da boca.

Louise colocou o tubo sobre a mesa da cozinha e pôs a chaleira ao lume, para que o café estivesse pronto quando Camilla e Markus chegassem com o gelado.

Nesse preciso momento, o intercomunicador soou.

— Abre tu, sim? — pediu, elevando a voz.

Porém, como não obteve resposta, dirigiu-se para o *hall*. A porta estava escancarada. Nem sinal da cadela ou do rapaz, e a trela, que costumava estar pendurada na parede, também não estava no seu lugar.

O intercomunicador voltou a tocar e ela premiu o botão para que Camilla e Markus pudessem entrar.

— Por acaso não viram o Jonas nas escadas? — perguntou-lhes quando os viu chegar ao quarto andar. Ambos negaram com a cabeça. — Onde é que ele terá ido? — indagou, dirigindo-se sobretudo a Markus. — Não deve estar longe. Fica à vontade no quarto dele, enquanto ele não chega, Markus. A televisão está ligada, julgo eu. — Constantemente na MTV. Não muito alto, mas a toda a hora.

Louise voltou à cozinha. Pegou no abafador para a cafeteira, pediu a Camilla para tirar as tigelas para o gelado e levaram tudo para a sala.

— Hoje tive uma reunião com o Nymand — disse Camilla, assim que se sentaram.

— A sério? — respondeu Louise, cada vez mais irritada por Jonas ter desaparecido daquela maneira. Tudo bem que em

breve seria um adolescente, com todo o egocentrismo que isso pressupunha, mas não podia desaparecer assim, sem dizer nada, só porque pusera um aparelho nos dentes. — Como correu?

— Correu bem. Obrigada pela tua ajuda. — Camilla conhecia o superintendente-chefe há vários anos, desde a altura em que trabalhava como jornalista para o *Roskilde Dagblad*, mas sentia que não tinha familiaridade suficiente com ele para abordar o assunto que pretendia discutir. Para a levar a sério, as suas questões deveriam ter uma fundamentação mais sólida, pelo que pedira a Louise para lhe telefonar. — Ele deve achar que enlouqueci, mas tenho a certeza de que fez diferença teres-lhe dado um toque antes.

— Não o censuro. Se calhar enlouqueceste mesmo — comentou Louise, com um sorriso.

— Talvez — assentiu Camilla, pegando na sua chávena. — Mas não neste caso. Estou efetivamente convencida de que a Inger Sachs-Smith foi assassinada e alguém está prestes a escapar incólume ao crime.

Louise abanou a cabeça.

— Como podes ter tanta certeza? — perguntou, embora soubesse que, durante a sua licença sem vencimento de dois meses, quando se encontrava numa casa de praia emprestada no Havai, Camilla se cruzara com Walther Sachs-Smith, supostamente desaparecido sem deixar rasto. Ainda assim, não percebia como é que a amiga podia estar tão segura de que o homem tinha razão ao alegar que a morte da mulher não fora um suicídio ou nem sequer suspeitar que ele pudesse estar envolvido.

— Dizes isso porque não conheces a história — insistiu Camilla quando Louise reiterou as suas dúvidas.

— Certo — reconheceu Louise —, mas como posso conhecer a história se não me contas tudo o que ele te disse nem em que é que se baseia para ter essa suspeita?

Camilla comeu a última colherada do seu gelado e pegou na chávena de café, pondo os pés em cima da mesa.

— Ainda não estou preparada para te contar tudo. Não posso correr riscos — disse ela, como se fosse uma adolescente a guardar um segredo.

Louise abanou a cabeça. Não fazia ideia do que Camilla poderia ter para contar, se é que havia de facto algo ali. Sabia apenas que a amiga se apaixonara pelo filho mais velho de Walther Sachs-Smith, Frederik, que conhecera numa viagem pela Costa Oeste dos Estados Unidos, e que devia ter tido acesso a alguma informação especial no Havai, para estar tão determinada a envolver o superintendente-chefe da polícia da Zelândia Central e Oeste.

— A minha boca é um túmulo — prometeu Louise, com uma sensação incómoda de desconforto a começar a sobrepor-se à sua irritação por Jonas ainda não ter voltado para casa.

— **A** minha mulher não se matou. Foi assassinada. Walther Sachs-Smith fixara o seu olhar impassível em Camilla, asseverando-lhe que estava certo do que afirmava.

Ela recordava-se bem do momento em que ele lhe dissera aquelas palavras; parecia quase sentir ainda o vento que soprava do oceano, sentados no terraço da casa de praia na ilha de Kauai. O Pacífico não fazia jus ao seu nome, e as ondas aumentavam de tamanho e de intensidade, tal como as rajadas de vento que fustigavam as copas das palmeiras. Camilla sentira o mesmo quando o velho homem se inclinara na sua direção de cenho franzido e olhar triste.

— O homicídio foi encoberto. Fingiram tratar-se de um suicídio — explicou ele. — Mas percebi logo que alguém tinha entrado em nossa casa. Mataram a Inger, mas não levaram aquilo que procuravam.

Ele ficou pensativo por um instante, e Camilla observou-o atentamente.

Quando conhecera Walther Sachs-Smith, ele estava desaparecido há dois meses. Desaparecera sem deixar rasto após o funeral da mulher, e Camilla sabia apenas o que lera nos jornais: que Inger se suicidara e fora encontrada, no seu quarto, com um par de frascos de comprimidos na mesa de cabeceira. Tal como

o resto do país, seguira apaixonadamente a história quando o viúvo desapareceu poucos dias após o funeral sem avisar os três filhos: o filho e a filha que vivam na Dinamarca e o filho mais velho, Frederik, que se radicara em Santa Barbara, na Califórnia.

— Antes que comecem todos a troçar de mim, faço tenções de ir à polícia e convencê-los de que a minha mulher foi, na verdade, vítima de um crime. E é por isso que preciso da sua ajuda — disse Walther, com determinação, acendendo um cigarro.

Aquele homem de 60 e muitos anos era um dos empresários mais afamados da Dinamarca, mas, de resto, pouco mais sabia sobre ele. Estava bronzeado e, aparentemente, em boa forma física. Trazia a camisa aberta e o cabelo ainda era escuro, apesar de apresentar já alguns fios grisalhos. Abaixo do olho esquerdo, tinha uma cicatriz característica, que lhe realçava as rugas quando sorria nas fotografias.

— Como pode ter tanta certeza de que ela foi assassinada se estavam frascos de comprimidos na mesa de cabeceira ao seu lado? — perguntou Camilla, esticando rapidamente a mão para amparar o seu copo, evitando que tombasse, quando uma súbita rajada de vento quase fez a toalha voar como um papagaio.

— Porque... — começou ele por dizer, pousando a mão sobre a mesa, mantendo a toalha segura. Ela não pôde evitar fitar a sua aliança, pesada e vistosa. — Porque a Inger nunca se mataria. Parece uma banalidade, eu sei, mas a nossa neta Isabella era muito importante para ela. Depois de a nossa filha se divorciar, a minha mulher começou a passar muito tempo com a nossa neta. Estava com ela várias vezes por semana, na verdade. Não podia passar sem ela, por nada deste mundo. E, para ser sincero, quero crer que ela dava valor ao tempo que passava comigo. Nunca desistiria de viver por causa de um atrito ou outro.

Um atrito ou outro. Bem, era uma maneira de ver as coisas, pensou Camilla.

Walther Sachs-Smith, com a Termo-Lux, a sua empresa de janelas, constava entre os mais ricos do país, e dizia-se que, ao preparar-se para ceder o poder na firma, o seu conselho da

direção e a gerência executiva, que incluía os seus filhos Carl Emil e Rebekka, o haviam ludibriado. Ao que parecia, os filhos tinham congeminado todo o plano com o auxílio do novo advogado da empresa. O golpe desprezível chocara as agências noticiosas de todo o país. Os jornais financeiros deram-lhe grande destaque, e, assim que se soube que Walther Sachs-Smith fora deposto pelos próprios filhos, alguns analistas e jornalistas depressa associaram o suicídio de Inger ao escândalo familiar.

— Além disso, ela nunca teria coragem de se matar — acrescentou ele, interrompendo os pensamentos de Camilla. — Mas não é nada disso que, no fundo, me leva a ter a certeza absoluta de que ela foi assassinada.

Ela fitou-o com curiosidade e incentivou-o a continuar.

— No dia em que a minha mulher morreu, roubaram o Anjo da Morte do meu escritório — prosseguiu ele, após uma pausa a observar a ondulação do mar, em silêncio. — Estou ciente de que talvez seja necessário comunicar à polícia esta nossa conversa, caso queira convencê-los a investigar a morte da Inger, mas, de resto, sugiro-lhe que não fale do nosso encontro a ninguém. — Depois, acrescentou, com um sorriso sardónico: — E isto inclui o meu filho mais velho, embora ele lhe tenha emprestado esta casa. Preciso de tempo só para mim, antes de regressar e fazer frente ao desafio.

Camilla sentiu-se a corar por um instante, afastando Frederik Sachs-Smith do pensamento para se concentrar no pai dele. Estava ligeiramente diferente das fotografias que vira em jornais e revistas. O homem mirrara. Não fisicamente, mas parecia, de algum modo, diminuído. Não era difícil ver como a dor e o luto lhe haviam ensombrado o olhar. A mudança ocorrera muito provavelmente aquando da morte da mulher, embora também pudesse ter ocorrido aos poucos, durante o tempo que passara escondido.

— O Anjo da Morte? — perguntou ela.

— É uma longa história — respondeu ele. — Não a vou maçar com isso.

— Tempo é coisa que não me falta — comentou ela de pronto.

Apercebeu-se, nesse instante, de que Markus entrara em casa para se abrigar do mau tempo. O ar ainda estava quente, mas o vento começara a criar ondas na areia, e eles tinham-se abrigado sob o telhado de bambu que cobria o terraço. Ela queria continuar a conversa, pois tinha necessidade de se distrair e sentia também, para seu grande prazer, que o seu instinto de jornalista se mantinha intacto.

Quando partira com Markus para a sua aventura na Costa Oeste dos Estados Unidos, tivera dúvidas, digamos assim, de que fosse voltar ao jornalismo. Despedira-se do seu emprego como repórter na redação criminal do *Morgenavisen* após uma reportagem a ter levado ao limiar de um colapso nervoso e, embora hesitasse em admiti-lo, estava ciente de que aquela viagem na companhia do filho era uma escapatória para impedir a sua queda numa depressão profunda.

A viagem, contudo, não corraera como imaginara. Tivera a esperança de encontrar paz de espírito e respostas a algumas questões, mas, ao invés, viu-se obrigada a lidar com a dor da perda quando se soube que Signe Fasting-Thomsen, colega de turma de Markus, morrera num trágico acidente. Por outro lado, jamais imaginara que se apaixonaria durante a viagem, e agora tinha perfeita noção de como era pouco prático ter um fraquinho por um dinamarquês solteiro e riquíssimo que se radicara nos Estados Unidos.

Pegou nos postais coloridos do Havai que ela e Markus haviam comprado para provocar os familiares e amigos, a viverem no escuro inverno dinamarquês, virou-os e usou-os como bloco de notas.

— Muito bem — disse Walther. — Temos acordo, afinal. — Camilla assentiu. Tinham, de facto, feito um acordo. Ela prometera envidar todos os seus esforços para encorajar a polícia a investigar a morte de Inger como homicídio. Ele, por seu turno, concedera-lhe os direitos exclusivos da história. — A maioria dos

acadêmicos especializados em História da Religião acredita que o Anjo da Morte se terá perdido quando os otomanos conquistaram o Império Bizantino. Contudo, em certos círculos da História da Arte acredita-se que a imagem foi salva antes da conversão da Hagia Sophia numa mesquita. Se assim não fosse, a imagem teria aparecido quando a igreja foi restaurada por dois arquitetos suíços, no final do século XIX.

— Então a imagem foi mesmo salva? — interrompeu-o Camilla, fitando-o com um olhar inquiridor.

Ele assentiu com a cabeça, de olhar abstraído, como que imerso nos seus pensamentos.

— Sim, foi — confirmou. — Por instantes, nenhum dos dois falou. Walther retomou, por fim, a conversa. — Quando o meu pai tinha 20 anos, abriu uma vidraria numa cave, em Roskilde. Tinha casado há pouco tempo com a minha mãe, que era polaca. O meu avô materno trabalhava numa igreja em Wroclaw, a sudoeste de Varsóvia. Alguns anos mais tarde, contrataram o meu pai para restaurar alguns vitrais na Catedral de Roskilde. Com a ajuda do meu avô materno, comprou um lote de vitrais de igreja antigos e muito bonitos, ainda emoldurados, que se encontravam depositados há séculos no sótão da igreja onde o meu avô trabalhava. — Fez uma pausa e olhou para Camilla. — Se se puser vidro novo, o efeito não é o mesmo — explicou ele. Tal como o seu pai, construía toda a sua carreira profissional na área do vidro, e Camilla apercebeu-se de que o homem percebia do assunto. — É como as casas antigas: é sempre melhor aproveitar as vidraças antigas, por mais imperfeitas que sejam. A luz que refletem é muito mais bonita. Tão simples quanto isso.

Camilla assentiu. Tivera uma discussão semelhante com o presidente da sua cooperativa de habitação quando decidiram renovar as janelas do seu prédio. Acabaram por reutilizar o vidro antigo por aquele mesmo motivo.

— O meu pai foi, ele próprio, buscar os vitrais à Polónia — prosseguiu Walther. — Eram grandes e pesados, e, para evitar se partissem durante o transporte, não os retirou das suas

molduras de ferro. Parte dos vitrais haviam levado, a dada altura, uma demão de tinta por cima e teriam de ser raspados, ao passo que a outros bastaria limpar o pó — explicou, acrescentando que o pai encontrara o Anjo da Morte precisamente quando estava a lavar as camadas de sujidade que se haviam depositado sobre as vidraças de uma janela dupla. Tinha algo de tão especial que ele ficara curioso e acabara por descobrir que a imagem estivera outrora na Hagia Sophia. Após a conquista otomana, muitos mosaicos e imagens com motivos cristãos haviam sido repintados ou removidos.

— Mas em... — começou Camilla por dizer, detendo-se quando Walther ergueu uma mão.

— Deixe-me só acabar de contar isto, por favor — pediu ele. — Ora, mais tarde, quando se soube qual era o verdadeiro valor da imagem, o meu avô materno foi acusado de ter roubado a igreja. Como resultado, foi vilipendiado pela administração paroquial, e toda essa história miserável levou-o a uma demissão forçada em 1935. Foi banido, vendo-se obrigado a ir viver para uma casinha fora da cidade, e a sua reputação ficou maculada para todo o sempre, sendo visto por todos como um reles ladrão. Segundo o meu pai, foi um golpe muito duro sobre a família, já que o seu sogro não havia feito nada de impróprio ou de ilegal. Antes de o meu pai comprar os vitrais, o meu avô pedira ao padre local permissão para os vender, obtendo, assim, fundos para a igreja. No entanto, quando a administração paroquial apresentou uma queixa ao bispo, o padre esqueceu-se por completo do acordo. Muito conveniente, claro. — Abanou a cabeça e, por um instante, fechou os olhos permanecendo em silêncio.

Walther perdera alguma coisa, sem dúvida, pensou Camilla. A força da sua voz, o carisma que costumava ser a sua imagem de marca nas entrevistas televisivas. Agora, sentado à sua frente, parecia velho e frágil.

O Sol desaparecera, por fim, atrás da manta de nuvens que os ameaçara toda a manhã. Camilla ponderou perguntar se não seria melhor abrigarem-se em casa, mas Walther reabriu os olhos.

— Poderá imaginar as consequências que os meus avós sofreriam se se tornasse do conhecimento público que uma imagem tão famosa estava escondida entre os vitrais que o meu avô encontrara na igreja e vendera ao seu próprio genro.

Camilla anuiu. Já enchera todos os postais com notas, mas não havia problema. Lembrar-se-ia daquela parte da história sem o auxílio das suas anotações.

— O meu pai nunca falou do incidente — prosseguiu Walther. — Porém, a imagem faz, desde então, parte da história da família. O facto de ter encontrado algo tão valioso num monte de vitrais que comprou na Polónia tornou-se quase uma lenda familiar. Mas ele nunca mencionou o Anjo da Morte. — Pôs-se novamente a refletir e só então continuou. — Devia tê-lo entregado à Igreja naquela época, mas não quis causar mais problemas aos sogros. Eram velhos, e já circulavam rumores de que haviam vendido um tesouro cultural e escondido o dinheiro só para eles. Nunca conseguiram pôr termo às suspeitas, que se fizeram sentir também sobre as minhas tias, ainda hoje vivas, fazendo-as passar a juventude num ambiente de acusações. Quando o meu pai morreu, foi-me legado o segredo da família, e, com ele, a responsabilidade de proteger os nossos familiares polacos e de não lhes causar mais problemas.

— O Anjo da Morte... — disse Camilla. Os seus olhos perscrutaram distraidamente o oceano e as suas ondas com cristas de espuma branca. Os surfistas mais experientes faziam com que parecesse fácil cavalgar as ondas que embatiam na costa. — É o anjo misericordioso que recolhe as almas dos mortos?

Os olhos de Walther humedeceram-se e Camilla desviou o olhar, dando ao homem um momento de privacidade para digerir a dor.

— Penso que sim — respondeu ele, num fio de voz. Recompôs-se de imediato e acercou-se dela. — Há muitos anos, mandei fazer uma cópia da imagem e pu-la no meu escritório de casa. Uma espécie de alarme, digamos. Não era nada do outro mundo,

mas, se desaparecesse, eu ficaria a saber que alguém andava à procura do Anjo da Morte verdadeiro.

— E essa cópia desapareceu no dia em que a sua mulher morreu?

Ele anuiu de novo, com um olhar triste.

— Descobriram o meu segredo.

— Mas quem? — perguntou Camilla com uma ansiedade quase ofegante, seguindo-o com o olhar quando ele se levantou para tirar a toalha da mesa.

— Tomara eu saber. Só sei que vão voltar a aparecer assim que perceberem que roubaram uma cópia.

O ANJO ROUBADO

Quando a neta da abastada família Sachs-Smith é sequestrada, a experiente inspetora Louise Rick é chamada a intervir para ajudar a negociar o resgate. Os sequestradores exigem um precioso vitral, conhecido como Anjo da Morte, que está na família Sachs-Smith há gerações. Mas existe um problema: o vitral, que vale centenas de milhões de dólares, foi recentemente roubado.

Simultaneamente, Louise acompanha o desaparecimento súbito e misterioso de jovens mulheres escandinavas que viajaram sozinhas para o sul de Espanha.

Numa corrida contra o tempo, em que Louise procura perceber como se comporta uma mente criminosa, a inspetora é levada às profundezas da depravação humana. E está prestes a descobrir da maneira mais difícil que o dinheiro pode comprar qualquer coisa. Será Louise capaz de encontrar a criança e desvendar o motivo por que as jovens mulheres desapareceram antes que o pior aconteça?

Sara Blædel regressa com um thriller emocionalmente poderoso e carregado de suspense que o irá manter sem fôlego até à chocante reviravolta final.

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-835-6



9 789896 688356

Thriller